

Sobre Superman em Super Pride: conservadorismo e estética kitsch como elementos da representação LGBTI+ em quadrinhos americanos contemporâneos

Mário Jorge de Paiva¹

ORCID: 0000-0001-7158-4371

Resumo: O presente artigo possui como tema de análise a personagem Superman na edição comemorativa *DC Pride 2022*, um lançamento anual que visa comemorar o Mês do Orgulho LGBTI+. A análise aqui existente é qualitativa, tendo por base o roteiro e ilustrações da história *Super Pride*; em um diálogo com um variado aporte teórico sobre o tema dos quadrinhos norte-americanos de super-heróis e o *queer*, vide Dandara Cruz, Darieck Scott, Ramzi Fawaz, Rob Lendrum, Neil Shyminsky, Dalbeto etc. Nossa conclusão apontará como, enquanto uma marca, tal editora optou por criar um produto mediano, com elementos de conservadorismo e uma estética *kitsch*.

152

Palavras-chave: LGBTI+. Superman. Comics. *DC Pride*. *Queer*.

¹ Doutor, mestre, licenciado e bacharel em Ciências Sociais pela PUC-Rio. Possui mais de 10 anos de experiência com pesquisa quantitativa, tendo participado das seguintes atividades: coleta de dados, transcrições de áudio, desenvolvimento de banco de dados (SPSS) e relatório tabular. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4112973866360651>.

About the Superman in Super Pride: conservatism and kitsch aesthetics as elements of LGBTI+ representation in contemporary American comics

Abstract: This article has as its theme of analysis a representation of the character Superman in the commemorative edition *DC Pride 2022*, an annual release that aims to commemorate the Pride Month. The analysis of the article is qualitative, based on the script and the art of the story *Super Pride*; in a dialogue with a varied theoretical contribution on the theme of American superhero comics and the queer, like Dandara Cruz, Darieck Scott, Ramzi Fawaz, Rob Lendrum, Neil Shyminsky, Dalbeto etc. Our conclusion will point out how, as a brand, this publisher chose to create an average product, with elements of conservatism and a kitsch aesthetic.

153

Keywords: LGBTI+. Superman. Comics. DC Pride. Queer.

Acerca de Superman en Super Pride: Conservadurismo y estética kitsch como elementos de representación LGBTI+ en el cómic estadounidense contemporáneo

Resumen: El tema de análisis de este artículo es el personaje Superman en la edición conmemorativa del DC Pride 2022, lanzamiento anual que tiene como objetivo celebrar el Mes del Orgullo LGBTI+. El análisis del artículo es cualitativo, basado en el guión e ilustraciones del cuento Súper Orgullo; en un diálogo con un variado aporte teórico sobre el tema del cómic de superhéroes norteamericano y lo queer, ver Dandara Cruz, Darieck Scott, Ramzi Fawaz, Rob Lendrum, Neil Shyminsky, Dalbeto, etc. Nuestra conclusión señalará cómo, como marca, esta editorial optó por crear un producto mediocre, con elementos de conservadurismo y estética kitsch.

Palabras clave: LGBTI. Superman. Comics. DC Pride. Queer.

Introdução

Como é explorado por uma série de autores, representações não heterossexuais existem desde tempos muito anteriores aos nossos, como é ilustrador por Sarene Alexandrian (1993), Michel Foucault (2010, 2011, 2019) ou João Silvério Trevisan (2018). Casos relatados não faltam, passam pelo teatro grego;² pelos fragmentos da obra de Safo, da ilha de Lesbos;³ pela filosofia de Platão, que retrata o complexo relacionamento entre Sócrates e Alcibíades;⁴ igualmente estando presentes em Petronônio e no mundo romano;⁵ também envolvendo toda uma condenação católica do *pecado nefando*;⁶ até chegarmos aos nomes mais famosos relacionados ao pensamento libertino francês, como o Marquês de Sade.⁷

Diante desse cenário de grande quantidade de casos e de uma variância existente de acordo com tais sociedades, épocas, poderes, subjetividades etc., o presente artigo almeja realizar um estudo sobre um elemento da cultura *pop* contemporânea. Referimos-nos aos quadrinhos e como eles representam o universo LGBTI+, tendo por base um aporte teórico sobre o tema no mercado anglófilo, norte-americano. E vamos abordar no artigo, mormente, uma história específica recente, que foi lançada dentro da edição especial *DC Pride 2022*, no caso *Super pride*, uma história escrita por Devin Grayson⁸ e tendo como ilustrador Nick Robles.

E por que estudar o *pop*? Por que estudar quadrinhos? Pois, como fala Slavoj Žižek (2017, 2018), estamos mediados por filtros, sendo que esses filtros de nossas representações culturais podem nos dizer coisas sobre como pensamos ou sobre nossa época. Logo não é sem razão que o próprio Žižek vai discutir desde fenômenos culturais mais voltados ao *Cult*, *vide* os filmes de David Lynch ou o *rock* alemão de *Rammstein*, até fenômenos mais abertamente de massas, como

² Cf. Carpeaux (2012).

³ Cf. Alexandrian (1993).

⁴ Cf. Platão (1979).

⁵ Cf. Alexandrian (1993).

⁶ Cf. Trevisan (2018).

⁷ Cf. Sade (2005).

⁸ Escritora que já trabalhou em títulos como *Asa Noturna*, *Gotham Knights* e *Batman*. Também vale lembrar como ganhou um prêmio em 2001 da *GLAAD Media Award*.

algum novo filme de *Star Wars*. Nosso direcionamento para quadrinhos envolve ver como eles são uma mídia ainda pouco estudada, tendo um elemento marginal; Pierre Bourdieu (2011) comenta isto ao dizer que é uma arte média em vias de legitimação, por isso ainda relegada, em algum nível, pelos detentores de maior capital dentro do social.

Nosso trabalho se dividiu em três fases. Primeira, um estudo do *estado da arte* sobre tal relação entre quadrinhos e representações LGBTI+. Segunda, uma demarcação, dentro do campo, de aspectos ainda pouco estudados, no caso essa história recente de tal edição especial. Terceira fase, uma análise aprofundada do material e o desenvolvimento do presente artigo, que, inevitavelmente, está em relação com produções acadêmicas nossas anteriores, as quais exploraram o mundo dos quadrinhos e o conservadorismo social; vale conferir Paiva (2019, 2021a, 2021b, 2022).

Nosso presente trabalho se relaciona com a história das ideias⁹ – história das ideias como um campo de estudos para a *anatomia* do pensamento, que tenta seguir uma história de conceitos, teorias e mesmo da *doxologia* de um momento –, e mesmo com uma sociologia weberiana, no sentido de estipular tipos ideais¹⁰ de análise do material. O trabalho, grosso modo, se volta para tal questão: a representação LGBTI+ de Superman foi efetiva ou encara certos problemas recentes típicos desse universo, como *queerbaiting*?¹¹

Gostaríamos ainda de demarcar, na presente seção, o que estamos chamando de *queer*, para que não exista confusão sobre como abordamos tal termo. Quando trabalhamos o *queer* temos por aporte, maior, Irene Caravaca (2017). O *queer* é tratado como aquilo que não é heterossexual, logo é uma palavra que carrega um senso de alteridade, alianças entre diferenças, que almeja ir também contra esse binarismo do heterossexual *vs* o homossexual. *Queer* como algo que é estranho, que é contra o padrão, o dominante, o legítimo.

O artigo se divide em quatro partes. Começou pela presente introdução. Passa para um segundo seguimento, chamado *Categorias ideais de representações LGBTI+ nos quadrinhos de super-heróis norte-americanos*, em que falaremos um

⁹ Cf. Francisco Romero (1953), Isaiah Berlin (2009), Onfray (2008).

¹⁰ Cf. Barbosa & Quintaneiro (2009).

¹¹ Cf. Paiva (2021b).

pouco da história dos quadrinhos e como eles representaram o *queer*. A terceira seção, *Conservadorismo e estética kitsch em Super Pride*, mostra como achamos tal representação de Superman problemática, em alguns sentidos. O trabalho fecha com uma seção dedicada aos elementos de considerações finais e maior coesão das partes do texto.

Categorias ideais de representações LGBTI+ nos quadrinhos de super-heróis norte-americanos

Ao percorremos toda uma bibliografia que trata da história LGBTI+, como é sabido, vemos que tal grupo foi perseguido e acossado por diversos tipos de poderes e saberes dentro do tecido social, ao longo do tempo; desde uma condenação religiosa e moral, passando igualmente por uma condenação médica, que poderia se interligar mesmo com problemas jurídicos.¹² Nesses termos nem sempre é fácil falar e traçar uma história de um grupo social, em medida considerável, relevado ao silêncio.¹³

Muito de nosso trabalho envolve assim, inevitavelmente, uma primeira e ampla categoria, o *queer coding*, como representações implícitas e possivelmente negativas sobre os LGBTI+; tendo em vista também como dentro de tal universo, sigla, se somam muitos grupos, alguns mais fáceis de pesquisar do que outros. Assim os quadrinhos, durante muito tempo, foram uma amostra das representações negativas ou dúbias sobre o universo social em questão. Algo análogo com outros campos sociais, em que o homossexual, por exemplo, iria aparecer como uma figura cômica ou trágica.¹⁴

Não é nosso intuito realizar toda uma genealogia de tais representações, ou recontar toda uma história dos quadrinhos americanos, mas apenas dizer que quadrinhos americanos dos anos 30, 40 e 50, do século XX, já possuem personagens e elementos que apontavam para o *queer* de modo implícito. Como Papa Pyzon, personagem das tiras *Terry and the pirates*, que usava brincos e parecia estar usando maquiagens, além de não ter grande confiança em mulheres e demonstrar algum

¹² Cf. Adriana Nunan (2003), James Green & Renan Quinalha (2018), João Trevisan (2018), James Green (2019), Bruno Bimbi (2017), Murilo Mota (2019), Luiz Mott etc.

¹³ Como uma série de outras pesquisas também mostra, como o próprio caso da contra-história da filosofia empreendida por Michael Onfray (2008).

¹⁴ Cf. Nunan (2003).

interesse em homens; o mesmo vale para *Krazy kat*, porque há uma incerteza se o gato é macho ou fêmea (Cruz, 2017).

Cruz (2017, p. 50-51) assim fala de uma série de gírias e elementos implícitos que dialogavam com elementos da própria cultura *queer* dos anos 30, envolvendo, por exemplo, bailes de máscara decalcados dos tradicionais bailes de debutantes, em que o ente era introduzido à comunidade *gay*.

Os quadrinhos mesmo muito voltados para o cômico, e uma diversão para toda família, foram ganhando história de aventuras, com personagens como Tarzan, Buck Rogers, Flash Gordon e Príncipe Valente. Mas Superman, de 1938, marca todo um modelo para os super-heróis.

Cruz (2017, p. 56) aborda que tal personagem, desde sua primeira edição, já reforçava estereótipos de papéis de gênero ao abordar sua relação com seu interesse amoroso, que mesmo sendo uma *mulher moderna*, trabalhando fora como repórter e não estando na costumeira posição feminina de secretária, encarna uma típica mocinha em perigo; além de rejeitar os tímidos avanços de Clark Kent, enquanto se assombra com a força e coragem de Superman.

Conservadores e reacionários, todavia, se preocuparam com tal mídia, acreditando que fazia mal para os jovens. Sendo o ponto alto desse quadro o livro *Sedução dos inocentes* de Frederic Wertham, de 1954. Para o psiquiatra os quadrinhos podiam ser relacionados não só com uma delinquência juvenil, porém também estariam envolvidos com os ditos distúrbios sexuais, com uma *degeneração da homossexualidade* (Cruz, 2017, p. 56). Suas evidências eram, mais concretamente, os quadrinhos de Batman e Robin, além da Mulher-Maravilha. Falava ele de um sutil homoerotismo, em uma sensação de que os homens, um maduro e outro jovem no caso, devem ficar juntos diante de tantas ameaças. Em que ambos moravam em suntuosos aposentos, com um mordomo, e viviam um sonho idílico para homossexuais, que poderia levar ao estímulo de fantasias nas crianças, de natureza mesmo inconsciente.¹⁵

Há realmente leituras que caminham nesse sentido, de uma relação entre quadrinhos e *queer*, mesmo que sem o *pânico moral* do pós-guerra americano, podemos apontar. Dariack Scott & Ramzi Fawaz (2018) é um exemplo de material. Já Mark Best (2005) trata os quadrinhos como um mundo masculino,

¹⁵ Cf. Cruz (2017).

em que a mulher pode surgir como uma intrusa, mas igualmente aponta para essa forte relação entre o herói e seu ajudante.

Nessa crítica moralista, dos anos 50, Robin aparecia próximo da figura de uma mocinha constantemente em perigo, além de ter em questão suas vestimentas, envolvendo uma sunga verde e suas pernas nuas; nem o nome da personagem, Dick,¹⁶ passou em branco. E realmente pode ser visto alguma coisa *queer* nesse papel de ajudante, Neil Shyminsky (2011) aborda isso. Tal pesquisador coloca como esses quadrinhos são centrados em uma masculinidade do herói, o ajudante teria assim uma sexualidade ambígua, expressaria outras formas da sexualidade. Então essa sexualidade poderia encobrir uma *ansiedade* diante da própria identidade do herói.

Shyminsky (2011, p. 288) coloca que tais histórias populares eram surpreendentemente conservadoras, visando uma legitimação das ideologias vigentes; algo igualmente apontado por outros pesquisadores, como Dalbeto (2015). Shyminsky chama o modelo do herói de uma figura reacionária, com desejo de uma manutenção do *status quo*. A sexualidade do parceiro, então, envolve o elemento de um controle heteronormativo, diante do elemento de transição do jovem, há o elemento da *queer child*, do *not-yet-straight*.

Esse elemento do segredo, da diferença, do mundo predominantemente masculino, das roupas excêntricas, nada disso fica fora de um possível paralelo, visto por nosso aporte teórico, entre o herói e a figura de um homem homossexual americano, que não poderia sair facilmente do armário. Porque envolvia todo o tipo de perseguição e medo diante dos eventos da época, como conhecidas movimentações políticas do senador Joseph McCarthy contra os funcionários públicos presumidamente *gays*.¹⁷

Diante desse medo com os quadrinhos, e de um próprio medo dos produtores de quadrinhos com uma possível intervenção do governo, foi criado o *Comics Code Authority*, CCA, colocado em prática pela *Comics Magazine Association of America*, em 1954. Era um selo, basicamente, para histórias que seguissem suas regras, esse selo tranquilizaria os adultos diante do material da revista; assim se garantia, institucionalmente, como não existiriam *desviantes* nas revistas.

¹⁶ Uma gíria para pênis.

¹⁷ Cf. Cruz (2017).

Mas Lendrum (2004, p. 70) aponta que certos produtores de mídias poderiam usar o elemento implícito ao seu favor. Em formas de pequenas resistências, imaginamos. O autor, nestes termos, fala de uma ambiguidade *gay* usada até na série dos anos 60 do Batman, porque é toda uma estética *camp* e muito colorida.

O primeiro tipo ideal que vimos é o de *queer coding*, um elemento implícito, não necessariamente positivo e possivelmente cômico. O segundo tipo ideal que podemos elencar são *histórias mais adultas com representações abertas*. Pois existiram novidades sociais nos anos 60, 70 e 80, mas graças ao CCA os quadrinhos, mais centrais, continuam um trabalho com tal lógica do implícito. Foram publicações mais adultas, ou de selos *marginais*, que obtiveram maior liberdade inicial, acreditamos. Nesses termos Frank Miller, Neil Gaiman, Alan Moore e Grant Morrison podem ter tido uma liberdade maior do que John Byrne. Byrne, em 1983, queria trabalhar a personagem Estrela Polar como abertamente *gay*, mas não conseguiu, sendo que sobraram apenas indícios. Essas histórias, idealmente *underground*, certas vezes podem ser mesmo das grandes personagens das editoras, mas em aventuras solo, que não se conectam diretamente ao quadrinho periódico; sempre se tendo em vista que essas definições são tipos ideais, logo são discussões sujeitas aos elementos de porosidade, *heterotopias*, do real.

Foi com os anos 90 que os quadrinhos conseguiram maiores liberdades, houve um esgotamento maior da relevância do selo da CCA. Porém, nesse momento, o material ainda era mais problemático, como mostra Cruz (2017) ou Dalbeto (2015).

Dos anos 2000 em diante podemos idealmente traçar representações melhores, com um aumento quantitativo e qualitativo deste material. Em que hoje temos um número de personagens *gays*, lésbicos, bissexuais, trans etc. Tais personagens desafiam certas convenções de gênero etc.

Em termos lentos o que vimos foi essa alteração das formas que os quadrinhos representavam tais grupos. A abertura sociológica para isso não se deu em todo o campo social ao mesmo tempo, logo selos não tão fortes, e em material menos central, se pode arriscar mais, acreditamos, enquanto os movimentos superficiais pareciam mais lentos.

Com uma comunidade LGBTI+ cada vez mais forte, e organizada, acreditamos chegar aos próximos quatro conceitos. O de *representações moderadas*, *representações*

centrais, *representações conservadoras* e *queerbaiting*. Essas categorias se voltam mais para um momento em que há demanda e possui aberta representação LGBTI+.

Queerbaiting, basicamente, se refere aos formatos de *marketing* e conteúdo que certas mídias usam para tentar capturar e *atiçar* o imaginário LGBTI+, com uma possível representatividade, a qual termina por frustrar o espectador. Tal categoria se refere ao elemento duvidoso, assim como o *queer coding*, mas em um momento em que já existe *internet* e uma busca mais consciente e positiva de alcançar o público *queer*, enquanto um mercado consumidor de relevância. Logo se refere, muitas vezes, aos protagonistas de séries que podem estar tendo um flerte *queer*; contudo talvez isso não passe de uma forte amizade heterossexual. Lembremos que, como aponta Caravaca (2017), o material midiático possui até o último momento para reverter o quadro negativo. E mesmo o elemento implícito pode funcionar em certos casos, a autora aponta o seriado *Hannibal* como uma produção com um subtexto homoerótico perfeitamente executado.

Já *representações conservadoras* se referem ao material midiático que não é implícito, mas é uma representatividade tão discreta que, igualmente, pode irritar o consumidor. É o caso, já abordado,¹⁸ da personagem Alvo Dumbledore.

Representações moderadas e *centrais* são histórias bastante abertas sobre o elemento *queer*. Quando pensamos em uma representação central, por exemplo, estamos abordando certos *mangás*, ou quadrinhos de outros países, que tratam relacionamentos LGBTI+ como o *core* de suas tramas, *vide Junjou romantica*;¹⁹ são rótulos como *BL*, *Yaoi* etc.²⁰ Já *representações moderadas* são histórias em que o elemento *queer* existe, ele é parte da trama, contudo a história não é centralmente sobre esse tópico; é alguma série de revistas em quadrinhos que possuem um personagem LGBTI+, mas a história, grosso modo, ainda envolve mais combater ameaças alienígenas, derrotar vilões com planos mirabolantes etc.

Com uma tipologia, e uma ideia da história dos quadrinhos, como a mencionada história de Superman se enquadra nos tópicos apresentados? Isso nos leva ao próximo seguimento do texto.

¹⁸ Cf. Paiva (2021b).

¹⁹ Cf. Nakamura (2006).

²⁰ Cf. Zsila *et al.* (2018), Tanko (2009, 2018).

Conservadorismo e estética kitsch em Super pride

O que podemos notar ao analisar o roteiro e as ilustrações da história em quadrinhos em questão? A história se inicia com Robin, no caso Damian Wayne, combatendo alguns vilões. Enquanto há uma narrativa de Jon Kent, o novo Superman, falando sobre o poder dos símbolos. Os vilões ao verem Superman tentam fugir, enquanto Robin reclama que ele não precisava de ajuda. Superman finaliza o combate, entregando os inimigos vencidos para alguns policiais. A narração sobre símbolos continua, explicando que eles variam de acordo com quem o vê ou quem o está usando. Robin e Superman continuam o diálogo, em que é relevado que eles vão para uma Parada do Orgulho LGBTI+ celebrar e se encontrar com Jay, o jovem com quem Superman está saindo.

Eles possuem uma breve conversa sobre Stonewall, enquanto Superman voa segurando Robin até um terraço, assim se encontrando com Jay. O jovem de cabelo rosa então dá um embrulho de presente para Jon, que o abre e é uma capa, do lado de dentro da capa ele vê que ela possui uma série de listras coloridas indicando uma homenagem à comunidade LGBTI+. Jon fica reticente se deve usar o novo item, porque não sabe qual seria a reação de seu pai, o Superman original, ao vê-lo usando o item. Robin diz que ele iria adorar.

Há um corte temporal e agora vemos Robin, com roupas civis, e Jay vindo do alto o evento, enquanto conversam e tiram fotos. Superman desce do céu com sua nova capa, toda colorida, sobre a multidão. Faz um movimento rasante que libera um rastro de cores, em mais uma homenagem à comunidade, pega Jay nos braços e a história se encerra com eles se beijando, no meio no céu, enquanto a capa nova aparece esvoaçante. A narração encerra dizendo que não há jeito errado de ser você mesmo.

Como vemos é uma história breve, sem grandes conflitos com vilões e com poucos personagens. Conta, em termos simples, a ida de Superman, Robin e Jay até uma Parada do Orgulho LGBTI+. Em termos de história, a maior questão aqui é Superman refletindo sobre o poder dos símbolos, enquanto pensa se deve ou não associar o símbolo que seu pai trouxe para o planeta, e desenvolveu, com sua sexualidade. Mas essa também é uma questão rapidamente resolvida, que leva ao final feliz, com um beijo entre as personagens, no meio de todas as cores existentes etc.

A experiência estética – por estética estamos tratando de uma experiência dos sentidos, a qual pode ter finalidade, e, nesse contexto, envolve o divertimento de ler um gibi – apresenta certos elementos marcantes, como tal história ser muito colorida, ter muitos tons claros, com a bandeira da comunidade LGBTI+ aparecendo mais de uma vez. Também se voltando muito aos corpos jovens e à felicidade jovial. Em que, por tudo que foi narrado e lido, acreditamos que o material foi feito para ser propositalmente simples, seu resultado final é propositalmente medíocre. Arte mediana, história mediana.

A estética não é desinteressada assim, em seus acertos e falhas. Os corpos bonitos, jovens, que se adéquam aos seus *sexos biológicos* remetem, inevitavelmente, para um padrão estético bastante clássico, de algo voltado, genericamente, para o belo, harmônico e saudável, se pensarmos em certos termos, abertamente conservadores, de Scruton (2015).

Os corpos jovens chocam menos do que se vissemos, por exemplo, dois homens barbados e descomunalmente musculosos, como em certas artes de Frank Miller (2011), se beijando. Do mesmo jeito, como o próprio Sade (2005) ilustra, aquilo que é a sexualidade do corpo idoso pode causar maior choque. Incomodaria bem mais tais parcelas conservadoras e reacionárias, por exemplo, se houvesse uma história de um beijo entre o Batman idoso e seu sucessor Terry McGinnis.

Outros dois elementos. Primeiro: Superman voando segurando Robin pela mão é uma opção irrealista, pois tal personagem no mínimo ficaria com o braço doendo; no pior dos casos isso arrancaria, ou deslocaria, o braço do mais jovem. Por que então Robin não estava no colo do Superman? Por que isso abriria margem para mais especulações sobre a sexualidade de Robin? Segundo: a capa do Superman listrada, cheia de cores, é de gosto bastante duvidoso. Não achamos bonita ou elegante, então a maior novidade estética, que esse gibi nos trouxe, não agradou. Vale lembrar que a comunidade LGBTI+ possui uma série de outros símbolos para além de tais bandeiras coloridas; aqui podemos pensar na letra grega *lambda*, dos guerreiros espartanos, ou no triângulo rosa, uma reapropriação do símbolo nazista, para nunca nos esquecermos da homofobia. Por qual motivo, então, não passou da opção mais óbvia?

Sobre tal adequação cultural, aos *sexos biológicos*, uma coisa que vemos é como a história dos quadrinhos conseguiu abarcar mais facilmente personagens *gays*, lésbicas, bissexuais. Menos, então, personagens que colocam em questão, de

modo mais claro, certos outros papéis de gênero; mesmo com honrosos casos de exceção. Nesses termos os maiores personagens, que lembramos, com liberdade para quebrar certas regras são exatamente aqueles que ainda possuem algum elemento cômico, *vide* Coringa ou Deadpool. Então talvez seja aceitável, para certos consumidores, que Superman beije outro homem; porém haveria aceitação se ele voasse com uma saia e maquiagem? Ou isso colocaria, esses elementos vistos socialmente como femininos, em questão sua *seriedade*? A estética dos quadrinhos e a moda caminham juntas, em algum nível; com o fortalecimento de uma moda *genderless* – que em mais de um momento remete ao fetiche, ao sadomasoquismo, se pensarmos em certas peças da marca *Balenciaga* –, será que não é uma questão de tempo até certos padrões dos super-heróis se alterarem, em termos de vestimentas?

Além disso, o que sentimos na narrativa é que falta algum conflito interessante. O mais óbvio seria entre heróis mais antigos, como Batman e Superman, que não aceitariam os sinais dos tempos. Mas isso não há. Um arco de Superman aceitando aos poucos Jon seria mais corajoso. Em que a *DC Comics* está trabalhando muito com essa questão do orgulho, felicidade, aceitação; coloca assim pouco o outro lado da moeda. A história mais interessante dessa edição especial, possivelmente, é *Finding Batman* de Kevin Conroy, que ousa, através de uma história bastante biográfica, falar de temas como preconceito e HIV. Mesmo que outras também valham menção, como *Up at bat*, escrito por Jadzia Axelrod, que acompanha Alysia, mulher trans, presente em histórias da Batgirl.

A história de Superman é tão mediana, em nossa leitura, que ficou bastante parecida inclusive com a história dedicada à personagem Robin, Tim Drake. Eis o que estamos apontando aqui: em vez de ficarmos contentes apenas com o elemento novo da representatividade, pois é indiscutível um ganho ter edições especiais para comemorar o orgulho LGBTI+, não deixemos que isso torne menos visível o elemento crítico que podemos ter, diante do conteúdo que, como vemos, nos soa pouco corajoso e propositalmente mediano.

Claro, tudo isso passa pelo prisma de uma perspectiva subjetiva, mas aqui estamos falando de uma leitura com todo um aporte sobre quadrinhos. É disso que terminamos por elencar, como conceitos válidos para tal análise, os termos conservadorismo e *kitsch*.

Queer é sobre estar fora dos padrões, fora das normas, envolve assim uma rebeldia; em outros termos, faltou tal história ser mais *queer*. *Queer* nos remete, por

exemplo, ao Marquês de Sade ou ao Glauco Mattoso (2006), e aqui quadrinhos de super-heróis podem remeter exatamente ao recatado, ao padronizado, ao conservador. Mas, para avançarmos, precisamos explicar o que estamos definindo como conservadorismo e *kitsch*. Antes então de explicarmos o conceito, que estamos propondo, de *kitschbaiting*.

Como é sabido o conservadorismo, enquanto um conceito, pode ser lido como uma corrente política ou uma disposição. A corrente política conservadora se volta para autores como Edmund Burke e o debate político do século XVIII inglês, mas este não é o único sentido do termo. Autores como Michael Oakeshott trabalham mais com o conservadorismo enquanto uma disposição, assim o conservadorismo seria uma tendência para manutenção de certas formas, preferir o familiar ao novo, não sendo uma tendência tão exclusivamente política, por isso é possível falar de conservadorismo estético. Sendo que o conservador não é um imobilista ou um reacionário, ele acredita que mudanças são inevitáveis, então as questões envolvem quais são as mudanças necessárias e a própria velocidade de tais mudanças (Paiva, 2019, 2021a).

O conservadorismo estético, se adotarmos parcialmente uma perspectiva de Scruton (2015), busca o belo, mesmo que não haja uma noção final do que seja o belo. Assim artes que buscam elementos outros, *vide* Marcel Duchamp com seu *A fonte*, causam uma *irritação* aos defensores da estética conservadora. Em que, nessa perspectiva, nem tudo pode ser arte, pois isso tiraria o próprio valor da arte. A arte até pode ser encontrada em objetos rudes, decadentes, dolorosos, mas a arte apontaria exatamente para outra forma do ser, como os poemas de T. S. Eliot, obras que abordam o rude e o sórdido, mas com palavras que ressoam seu contrário. Todavia hoje o mundo teria perdido essa perspectiva redentora, de se voltar ao belo. Assim um conservadorismo estético está criticando o artístico como o valor do choque ou estranhamento, por exemplo. E nisso está uma, óbvia, falta de *queer* nessa perspectiva conservadora.

Uma arte que pode oferecer o belo, harmônico, saudável. Contudo não provoca, não questiona muito certas formas, eis que o conservadorismo estético pode ser muito associado ao que for clássico em estética, sendo no máximo um reformista, pois não é imobilista. E é exatamente assim que podemos ler *Super pride*, tirando o elemento LGBTI+, é uma história profundamente defensora da forma ilustrativa e narrativa. Não provoca, não questiona. Mas ela não é só conservadora;

ela, em seu exagero – de felicidade, de cores, de beleza, de juventude –, nos leva ao outro elemento, ao *kitsch*.

Kitsch é um termo alemão, como Scruton (2015) mostra, que não se originou para se falar de estética, mas de fé, sendo uma *doença da fé*. Em termos de estética, Merquior (2015, p. 44-45) aponta como o *kitsch* se relaciona com espetáculos, obras ou objetos de mau gosto, franca ou tacitamente comerciais, contudo com uma pretensão de valores vistos como sublimes, logo um cafona inconsciente. Algo comparável ao termo *cursi*, espanhol.

Eis o risco de tal história do Superman: por ela ter uma boa pretensão, que se soma ao *fácil* estético do belo, harmônico, jovem, de rápido consumo etc., ela pode simplesmente *nublar* o fato de que é cafona, ruim. Não é novidade, há toda uma corrente nas discussões estéticas falando como a arte deve provocar um estranhamento, criando formas difíceis, quebrando o estrato do costume, como é o caso de Chklovski (Merquior, 1991, p. 37).

Nisso propomos o conceito de *kitschbaiting*, uma soma entre os termos *kitsch* e *queerbaiting*, para se falar de tal tipo de manifestação, existente na história de Superman. Como definiríamos o *kitschbaiting*? Se o *queerbaiting* deseja *atijar* o público LGBTI+ com uma promessa que não se cumpre, o *kitschbaiting* seria seu oposto, um desejo de *fisgar* o público *queer* com uma *isca* excessiva. Sem nenhum conflito, sem nenhuma torção, sem risco, é algo protocolar, mas exagerado, para ter representatividade e agradar parcelas de consumidores LGBTI+, porém falta, reafirmemos, exatamente o *queer*. Não *atiça* o interesse estético como uma obra de Dave McKean ou Frank Miller.

Considerações finais

O presente artigo teve como objetivo investigar, por certo prisma baseado em uma história das ideias, a relação entre a comunidade LGBTI+ e o mundo dos quadrinhos, para emprendermos uma análise sobre uma história selecionada da editora *DC Comics*.

Em termos de representação da comunidade LGBTI+, ao longo do tempo, houve categorias que poderíamos idealmente marcar os quadrinhos. Indo de certa representação velada, o *queer coding*, passando por uma representação aberta em histórias mais adultas, até surgirem, atualmente, categorias que abordavam tais questões LGBTI+ de modos abertos em selos grandes.

Sobre a história de Superman, selecionada, terminamos por constatar um resultado mediano. Não acrescentava nada muito interessante, para além da questão LGBTI+, o que nos leva para uma associação de tal história com uma *representação central* da questão, todavia ainda permeada de elementos conservadores em estética, que em seu excesso de busca por representatividade, fácil, envolve um elemento *kitsch*. Assim terminou esse gibi por nos ajudar na criação de um conceito oposto ao do *queerbaiting*, o *kitschbaiting*. Uma representação excessiva, sem coragem e fácil da comunidade LGBTI+. Uma representação que perde exatamente um dos elementos mais importantes do *queer*, a estranheza, o deslocamento.

O único elemento realmente novo da história comentada é uma capa comemorativa da personagem Superman, que não funcionou para nós. Superman enquanto um produto, e um dos maiores produtos da editora, pareceu arriscar pouco aqui. Continua, em certos aspectos, uma engrenagem do *status quo* e sem ameaçar certos padrões de gênero. Nisso a leitura que Frank Miller (2011) deu ao personagem, ao problematizar seu apoio ao governo americano, nos soa bem mais *queer* do que esse Superman jovem, esguio, definido, que beija outro menino. Sendo esse apenas um dos muitos exemplos possíveis de mudanças e *respiros* no mundo de quadrinhos de super-heróis, no que tange ao que foi produzido na língua inglesa, e feito ou vendido para o público americano. Jon Kent parece certas peças de casas de moda de luxo, as quais ficam apenas repetindo o estilo da marca com pequenas variações.

Aguardemos, por exemplo, os artistas que vão colocar Batman e Robin como um casal canônico dentro do universo *DC*, finalmente consolidando o que foi pânico moral em outra época. Aguardemos um Superman que use maquiagem e peças de roupa, vistas como, femininas. E isso sem um efeito cômico.

Nosso presente estudo não é uma análise final sobre o assunto, muito mais poderia ser dito, e o exercício interpretativo presente não inviabiliza, em nada, outras análises sobre o material comentado.

Referências

- ALEXANDRIAN, Sarene. *História da literatura erótica*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira; QUINTANEIRO, Tania. Max Weber. In: QUINTANEIRO, Tania (Org.). *Um toque de clássicos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- BERLIN, Isaiah. *Ideias políticas na era romântica*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2009.
- BEST, Mark. Domesticity, Homosociality, and Male Power in Superhero Comics of the 1950s. *Iowa Journal of Cultural Studies*. v.6, n.1, 2005.
- BIMBI, Bruno. *O fim do armário: lésbicas, gays, bissexuais e trans no século XXI*. Rio de Janeiro: Garamond, 2017.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: Crítica Social do Julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2011.
- CARAVACA, Irene Rubio *Queerbaiting: the unfulfilled promise of queer representation*. 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/37045999/Queerbaiting_The_Unfulfilled_Promise_of_Queer_Representation. Acesso em: 15 jan. 2022.
- CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental vol 1*. São Paulo: Leya, 2012.
- CRUZ, Dandara Palankof. *A outra ponte do arco-íris: discursos e representações LGBTQTT nas histórias em quadrinhos de super-heróis norte-americanas*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2017.
- DALBETO, Lucas do Carmo. *SUPERGAY: Diferenças, singularidades e devir nas superaventuras da Marvel*. Dissertação (Dissertação em Comunicação) – Universidade Estadual de Londrina (UEL), Paraná, 2015.
- FAWAZ, Ramzi & SCOTT, Darieck. Introduction: Queer about Comics. *American Literature*, v. 90, p. 197–219, 2018.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade vol. 2: O uso dos prazeres*. São Paulo: Edições Graal, 2010b.
- _____. *História da sexualidade vol. 3: O cuidado de si*. São Paulo: Edições Graal, 2011.
- _____. *História da sexualidade IV: As confissões da carne*. Lisboa: Relógio D'Água, 2019.
- TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

GREEN, James. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Editora UNESP, 2019.

GREEN, James; QUINALHA, Renan. (org.). **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca pela verdade**. São Carlos: EDUFSCar, 2018.

LENDRUM, Rob. Queering super-manhood: the gay superhero in contemporary mainstream comic books. *Journal for Arts, Sciences and Thechnology*, v. 2, n.2, 2004.

MATTOSO, Glauco. **Manual do podólatra amador**. Sao Paulo: All Books, 2006.

MERQUIOR, José Guilherme. **De Praga a Paris: O surgimento, a mudança e a dissolução da ideia pós-estruturalista**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

_____. **Formalismo e tradição moderna**. São Paulo: É Realizações, 2015.

MILLER, Frank. **Batman: Cavaleiro das trevas**. Edição definitiva. São Paulo: Panini books, 2011.

MOTA, Murilo Peixoto da. **Saindo do armário: da experiência homossexual à construção da identidade gay**. São Paulo: Fontenele, 2019.

NAKAMURA, Shungiku. **Junjou Romantica – vol1**. California: Blue Manga, 2006.

NUNAN, Adriana. **Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo**. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.

ONFRAY, Michel. **Contra-história da filosofia: as sabedorias antigas**. São Paulo: Martins Fontes, 2008. v. I.

PLATÃO. **Platon: obras completas**. Madri: Aguilar, 1979.

PAIVA, Mário Jorge de. Análise de caso sobre representações LGBTI+ em quadrinhos de super-heróis: sobre a representação de Superman na edição especial *DC Pride 2022*. *Caderno Eletrônico de Ciências Sociais*, v.10, n. 2, pp. 36-52, 2022.

_____. Elementos para uma apresentação do pensamento conservador: da disposição conservadora aos conservadorismos decorrentes. *Caderno Eletrônico de Ciências Sociais (Cadecs)*, v. 7, n. 1, pp. 90-106, 2019.

_____. **Introdução ao pensamento conservador do século XX e início do século XXI: das ideias de G. K. Chesterton até a nova direita brasileira**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021a.

_____. John Constantine e a questão homoafetiva: uma análise sobre representações LGBTI+ em quadrinhos de super-heróis e animações. *Rev. Sem Aspás*, v. 10, pp.1-18, 2021b.

ROMERO, Franciso. *Estudios de historia de las ideas*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1953.

SADE, Marquês de. *The complete Marquis de Sade*. New York: Kensington Books, 2005.

SCRUTON, Roger. *Beleza*. São Paulo: É Realizações, 2015.

SHYMINSKY, Neil. "Gay" Sidekicks: queer anxiety and the narrative straightening of the Superhero. *Men and Masculinities*, v.14, n.3, 2011.

TANKO. 2009. Yaoi x BL. *Blyme*. Disponível em: < <http://blyme-yaoi.com/main/2009/11/10/palavra-do-dia-yaoi-x-bl/>>. Acesso em: 28 dez. 2019.

_____. 2018. Riba (reversible) e Seke. *Blyme*. Disponível em: <http://blyme-yaoi.com/2018/2018/11/04/riba-reversible-e-seke/>. Acesso em: 28 dez. 2019.

ŽIŽEK, Slavoj. *Acontecimento: uma viagem filosófica através de um conceito*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

_____. *Lacrimae Rerum: Ensaios sobre cinema moderno*. São Paulo: Boitempo, 2018.

ZSILA, Ágnes. *Et al.* Loving the love of boys: Motives for consuming yaoi media. *PLoS ONE*. Florença, v. 13 n. 6, pp. 1-17, 2018.